

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE I)
15 e 27 de fevereiro de 2024

TROIS VIES ET UNE SEULE MORT / 1996
(Três Vidas e uma Só Morte)

Um filme de Raúl Ruiz

Realização: Raúl Ruiz / Argumento: Raúl Ruiz e Pascal Bonitzer / Direcção de Fotografia: Emmanuel Machuel / Cenários: Luc Chalon / Música: Jorge Arriagada Som: Laurent Poirier / Montagem: Rodolfo Wedeles / Interpretação: Marcelo Mastroianni (Matteo Strano/Georges Vickers/o mordomo/Luc Allamand), Anna Galiena (Tania), Marisa Paredes (Maria), Melvil Poupaud (Martin Prune), Chiara Mastroianni (Cécile S.), Arielle Dombasle (Hélène), Feodor Atkine (André Parisi), Jacques Pieiller (o marido de Tania), Smaïn (Luca, o psicólogo), Lou Castel (1º mendigo), Roland Topor (2º mendigo), Jacques Delpi (3º mendigo), Monique Melinand (senhora Vickers), Bastien Vincent (Carlito), Pierre Bellemare (o narrador), etc.

Produção: Gemini Films – La Sept Cinéma – Madragoa Filmes / Produtor: Paulo Branco / Cópia digital (dcp), colorida, versão original legendada em português / Duração: 126 minutos / Estreia em Portugal: Nimas (Lisboa) e Teatro-Circo (Braga), a 6 de Junho de 1996.

A obra de Raul Ruiz, sobretudo a partir do momento em que o cineasta abandonou o Chile e se remeteu ao exílio, caracteriza-se por uma atracção pelo "fantástico" – numa linha directamente devedora da tradição literária sul-americana – e pelas suas manifestações quotidianas. Se há sempre um efeito de "estranheza" nos filmes de Ruiz, ele vem daí: da subtil conjugação de atmosferas – e muitas vezes, cenários – de um realismo quase absoluto com pormenores "fantásticos", ou "mágicos", que se vêm insinuar nesse realismo para o "demolir" e lhe diluir as fronteiras. Coisa que não se passa apenas ao nível dos "efeitos" mas que, pelo contrário, tem uma raiz bem mais funda. Na verdade, essa conjugação é pensada de imediato como a base da própria estrutura narrativa dos filmes de Ruiz, decidindo aquele característico ar "labiríntico" que quase todos ostentam. Nos "labirintos" de Ruiz, o tempo e o espaço são livremente manobrados de forma a perderem as suas últimas ressonâncias "concretas", tomam-se matéria em contínua transformação: nunca ninguém, nem as personagens nem o espectador, pode afirmar com segurança que sabe verdadeiramente "onde está".

Trois Vies et une Seule Mort será, nesse sentido, uma das mais exemplares aplicações do "método Ruiz". A partir de um centro – o corpo de Marcelo Mastroianni, "habitado" por quatro personagens diferentes – o filme oscila em várias direcções, fazendo coexistir e no limite fundir diversas narrativas em diversos momentos temporais. E com evidente prazer que Ruiz passa quase todo o tempo do filme a desenvolver esses diferentes movimentos, a gerir a informação que transmite ao espectador, a levantar falsas pistas e a camuflar as verdadeiras, antes da "explicação" final. Entre aspas porque, na verdade, não explica coisa nenhuma, antes torna ainda mais complexo o que se passou anteriormente.

Se as quatro histórias do filme aparecem relativamente "isoladas" umas das outras – com o "leit-motiv" do narrador radiofónico – isso não quer dizer que sejam completamente estanques. Algumas personagens transitam de história para história, e a pouco e pouco vamos compreendendo as relações entre elas. Até se chegar ao ponto, constantemente adiado por Ruiz, em que todas as histórias se encontram de tal modo mescladas que é impossível separá-las com rigor: fica claro, então, que em **Trois Vies et une Seule Mort** há na verdade apenas uma história.

Como se pode depreender, o estratagema narrativo de Ruiz acaba por pôr em destaque uma personalidade em permanente fora de campo: a dele próprio. Em última análise, **Trois Vies et une Seule Mort** é um filme sobre o acto de contar histórias, sobre a presença onnipotente desse "semi-Deus" que é o realizador. Disse-o Ruiz: "Somos todos recolhas de histórias. E estas recolhas têm ramificações complexas". Este filme pode ser visto como a "demonstração" cinematográfica de tais palavras: todas as histórias pessoais se entroncam com outras histórias pessoais e assim até ao infinito – é isto que **Trois Vies et une Seule Mort** dá a ver, em eficaz "mise-en-abîme".

Luís Miguel Oliveira